



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Ensaio	ISSN 1234.5678	DOI 98.7654/3210.0987.6543.2109
---	--------	----------------	---------------------------------

AZEVEDO, Pedro  
PAGNUSSAT, Esequiel

## **CIÊNCIAS DE QUEBRADA: *poetry slam* e o ensino da psicologia social comunitária**

*Pedro Victor da Silva Azevedo<sup>1</sup>*  
*Esequiel Pagnussat<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente texto é um ensaio teórico acerca dos campeonatos de poesia falada e *performance* (*poetry slams*). Objetivou-se compreender como introduzir esse movimento artístico-cultural nas metodologias de ensino-aprendizagem em Psicologia. No primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as raízes epistemológicas da psicologia social comunitária, em seguida, investigou-se a possibilidade de discutir a respeito das formações identitárias e da promoção de uma educação crítica a partir desses campeonatos. Por último, foi feita uma reflexão referente ao ensino da Psicologia no contexto da Educação Básica, abordando os desafios e possibilidades da atuação profissional neste campo. Concluiu-se que o *Poetry Slam* é uma ferramenta potente para a construção da autonomia dos sujeitos e dos vínculos comunitários, cabendo aos professores de Psicologia utilizar essa linguagem como instrumento para promover uma educação popular transversal, visando transformar a realidade dos territórios em que estão inseridos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Psicologia Social Comunitária. Ensino em Psicologia. Educação Básica.

**RESUMEN:** Este texto es un ensayo teórico sobre los campeonatos de poesía hablada y performance (*poetry slams*). El objetivo fue entender cómo introducir este movimiento artístico-cultural en las metodologías de enseñanza-aprendizaje en psicología. En un primer momento, se realizó una encuesta bibliográfica sobre las raíces epistemológicas de la psicología social comunitaria, luego se investigó la posibilidad de discutir las formaciones identitarias y la promoción de la educación crítica desde estos campeonatos. Finalmente, se realizó una reflexión sobre la enseñanza de la psicología en el contexto de la educación básica, abordando los desafíos y posibilidades del desempeño profesional en este campo. Se concluyó que el Poetry Slam es una poderosa herramienta para la construcción de la autonomía de los sujetos y los vínculos comunitarios, y depende de los profesores de psicología utilizar este lenguaje para promover una educación popular transversal, con el objetivo de transformar la realidad de los territorios en los que se insertan.

**PALABRAS-CLAVES:** Psicología Social Comunitaria. Docencia en Psicología. Enseñanza Básica.

---

<sup>1</sup> Graduando em psicologia (bacharelado e licenciatura) pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN) [pedro.azevedo@aluno.catolicadorn.com.br](mailto:pedro.azevedo@aluno.catolicadorn.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) [esequiel.pagnussat@professor.catolicadorn.com.br](mailto:esequiel.pagnussat@professor.catolicadorn.com.br)

## INTRODUÇÃO: 3, 2, 1... SLAM!!!

*larguei o celular e ainda na cama  
me virei para o lado  
e lembrei-me de suas aulas  
quando lia as minhas redações  
me incentivava a produzir mais,  
exaltava o conteúdo,  
apesar dos erros gramaticais.  
Quando cheguei na França, pró,  
o apresentador tirou sarro da minha cara  
porque eu não sei falar francês e nem inglês  
eles não fazem ideia de onde viemos,  
que na nossa escola não tem biblioteca,  
falta material e às vezes nem abre por medo (...)*

*Emerson Alcalde  
(Poema em homenagem às professoras)*

Os *slams* surgiram nos anos de 1980, nos Estados Unidos, se popularizando pelo mundo como um gênero artístico/literário que não está restrito aos ambientes acadêmicos. Chegou ao Brasil como uma modalidade que ressignificou a “poesia marginal” a partir de um jogo cênico que envolve júri, torcida, emoção e participação popular (D’ALVA, 2019).

No *slam*, as(os) *slammers* (poetas) são avaliadas(os) com notas pelo público presente, escolhido de maneira aleatória, para preservar o senso democrático e popular da competição. No ambiente escolar, discentes-*slammers* se tornam leitoras(es) e escritoras(es) de poemas, seus versos abordam criticamente os temas da atualidade e reivindicam mudanças sociais, agindo como um exercício da cidadania (AZEVEDO, 2019). Geralmente, cada poeta possui até três minutos para performar após a chamada da(o) *slammer master* (apresentador/a da batalha): “3... 2... 1... *slam!*”, como é mais comum, podendo variar de *slam* para *slam*.

Já a Psicologia Social Comunitária surgiu no Brasil dentro do contexto da ditadura militar, em conjunto com o movimento de educação popular liderado por intelectuais como Paulo Freire (CAMPOS, 2015; GONÇALVES & PORTUGAL, 2012). Segundo Góis (1993),

esta é uma área que estuda a atividade psíquica decorrente dos modos de vida de um lugar/comunidade, os sistemas de relações e representações, as identidades, os níveis de consciência e a identificação dos indivíduos com os lugares e grupos comunitários.

Na educação popular, as vítimas e os oprimidos pelos sistemas econômicos e políticos são o centro da atenção, sendo responsabilidade das(os) educadoras(es) reconhecer esses grupos enquanto sujeitos vivos e plenos de sentidos, com memória, cultura e direitos – ou seja, uma comunidade que precisa ser legitimada (BRAVIN, PAIVA E PINEL, 2020).

Após entrar em vigência a LDB 9394/96, a docência em Psicologia no Ensino Médio foi desfavorecida, entrando a licenciatura em psicologia num estágio de obsolescência, em que as contribuições das disciplinas de cunho humanista não foram levadas em consideração para o processo formativo-escolar da juventude brasileira (KOHATSU, 2013). Desde então, o ensino dessa matéria voltou a fazer parte apenas da composição curricular de cursos de graduação, pós-graduação e em algumas escolas técnicas de nível médio (PANDITA-PEREIRA, 2011).

A partir dos avanços da teoria cultural contemporânea, Silva (2000) propõe a “pedagogia como diferença” — uma abordagem que trata identidade e diferença como questões políticas, produzidas na sociedade e na história, a partir de mecanismos e instituições interessadas na criação e fixação de ambas — fazendo com que o lugar da psicologia nas escolas seja novamente questionado, pondo em discussão a necessidade de um currículo e um ensino implicados com esta pauta.

E se por um lado a Psicologia Social Comunitária parte do levantamento das necessidades e carências vividas e reconhecidas por um determinado grupo social (CAMPOS, 2015), por outro, o *Poetry Slam* no Brasil ganhou contornos próprios, mobilizando comunidades inteiras através de reivindicações poéticas pautadas por questões como: o corpo, a raça, o território e tantos outros temas que não caberiam em um só artigo; “(re)existência!” (NEVES, 2017).

Nessa perspectiva, o presente texto objetiva refletir sobre as possibilidades experienciais do *poetry slam* enquanto recurso teórico-metodológico-vivencial aplicado ao

ensino da Psicologia Social Comunitária na Educação Básica, através de uma perspectiva decolonial.

## **METODOLOGIA**

O ensaio teórico se constitui como uma alternativa ao formalismo científico, que desconsiderava, até então, o componente subjetivo que permeia a escolha, pesquisa e escrita sobre determinado objeto ou fenômeno (MENEGHETTI, 2011). Nesse tipo de texto a ciência, filosofia, política e poesia propõem uma reflexão, mas não necessariamente uma conclusão definitiva dos assuntos abordados. Então, pode-se questionar “*afinal, o que é um ensaio?*”, “*o que caracteriza um ensaio teórico?*”. Assim, “sua força, apesar de não estar atrelada ao rigor metodológico, como acontece na produção científica, está na capacidade reflexiva para compreender a realidade” (MENEGHETTI, 2011, p. 322).

Nesse sentido, a metodologia utilizada para este artigo obedeceu aos seguintes passos: a) seleção dos bancos de dados (PePSIC, SciElo, Periódicos CAPES e Google Acadêmico); b) disponibilidade (artigos completos); c) opção apenas por textos escritos em língua portuguesa; d) descritores (Psicologia e Comunidade, *Poetry Slam* e Ensino da Psicologia); e) ano de publicação (2011-2021).

Além disso, foi utilizada uma bibliografia complementar baseada em capítulos de livros e revistas que tivessem como foco temáticas abordadas no presente trabalho, além de literatura poética com o objetivo de tornar a leitura mais fluida, compreensiva e difundir os achados com a comunidade não-acadêmica, possibilitando uma troca de saberes necessária ao processo educativo democrático.

## **SITUANDO A TEMÁTICA**

É no entrelace entre psicologia social comunitária, arte periférica e educação popular que esse trabalho acontece, de modo que uma não existe sem o outra. As seções apresentadas a seguir foram organizadas com o intuito de facilitar a leitura, não esgotando a compreensão de um assunto tão vasto e pertinente à ciência brasileira e latino-americana. Os resultados da busca nos bancos de dados do presente estudo apontam para a necessidade de atualização da

bibliografia acerca do *Poetry Slam* no Brasil, que vem sendo feita a custo de sacrifícios pessoais de pesquisadoras(es), em grande parte, e do enfrentamento ao desinvestimento político na ciência brasileira.

### **Posicionamento: psicologia social comunitária**

(...) Ô pró  
nunca imaginei que sairia do país  
e nem que faria faculdade,  
a senhora me ajudou a passar no vestibular  
e vibrou comigo quando consegui a bolsa integral.  
Entendo que a minha obrigação é retribuir  
trazendo autoestima através da literatura marginal. (...)

Emerson Alcalde  
(Poema em homenagem às professoras)

### **Comunidade, relações comunitárias**

Em um panorama histórico, o conceito de “comunidade” começou a ser apropriado por volta dos anos de 1970, pelo movimento que propunha avaliar criticamente o papel social das ciências, rompendo com o paradigma da neutralidade científica e se estabelecendo nos discursos das ciências humanas, especialmente em práticas no campo da saúde mental (SAWAIA, 1996).

Atualmente, com o advento do neoliberalismo, as relações sociais estão se tornando cada vez mais frágeis e o uso desse termo está sendo rediscutido, mesmo que ainda não se tenha um consenso sobre o significado de “comunidade” e como pensá-la nesse contexto socioeconômico (ROCHA, 2012). A expressão também passa por uma disputa ideológica, podendo ela ser tomada por um sentido ainda de indefinição. “Pode-se definir ideologia, ao menos é assim que a maioria dos autores hoje o fazem, como sendo o uso, o emprego, de formas simbólicas (significados, sentidos) para criar, sustentar e reproduzir determinados tipos de relações” (GUARESCHI, 2015, p. 74).

No entanto, a formação em Psicologia Social Comunitária (PSC), a partir dos anos 1950, foi tida como um contraponto latino-americano aos conceitos tradicionalmente

utilizados pela psicologia social norte-americana e à prática profissional feita nos consultórios de base epistemológica experimentalista, consagrada durante o século XX (GONÇALVES & PORTUGAL, 2012). Nesse caso, o conceito assume o valor coletivista de uma ciência feita com, por e para atender pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social (SAWAIA, 1996), não se configurando como uma teoria ou abordagem psicológica, mas um posicionamento ético, estético e político.

A psicologia (social) comunitária utiliza-se do enquadre teórico da psicologia social, privilegiando o trabalho com grupos, colaborando para a formação da consciência crítica e para a construção de uma identidade social e individual orientadas por preceitos eticamente humanos. (...) compreende o homem como sendo sócio-historicamente construído e ao mesmo tempo construindo as concepções a respeito de si mesmo, dos outros homens e do contexto social (FREITAS, 2015, p. 59).

A partir dessa compreensão, faz-se necessário considerar o que são as relações comunitárias em jogo, ao se tratar da atuação de profissionais da psicologia nesse campo. Guareschi (2015) compara as relações comunitárias à dinâmica democrática e aborda os aspectos essenciais para o estabelecimento delas:

As relações comunitárias que constituem uma verdadeira comunidade são relações igualitárias, que se dão entre pessoas que possuem iguais direitos e deveres. Essas relações implicam que todos possam ter vez e voz, que todos sejam reconhecidos em sua singularidade, onde as diferenças sejam respeitadas. E mais: as relações comunitárias implicam, também, a existência de uma dimensão afetiva, implicam que as pessoas sejam amadas, estimadas e benquistas (GUARESCHI, 2015, p. 79).

### ***Psicologia de “quebrada”: trauma, luto coletivo e sonhar social***

Ao instituir o termo “*de quebrada*” enquanto *locus* de produção do conhecimento, atuação profissional e pertencimento da psicologia, apreende-se que esta assume uma proposta de deselitização da ciência e profissão, para torná-la mais próxima dos contextos em que as maiorias populares estão inseridas. Assim, não basta apenas importar teorias que estão alheias à realidade brasileira, mas se faz necessário construir um saber comunitário e identitário (FREITAS, 2015).

Acerca dessa discussão, Guareschi (2015) aponta a necessidade de reconhecer que toda comunidade possui “um *“saber”* que, a princípio, não é nem pior, nem melhor, que o nosso, é apenas diferente”, cabendo ao profissional prestar muito respeito às diversas sabedorias. De tal modo, possibilita a construção de um espaço de diálogo horizontal e dinâmico que objetiva promover a autogestão e a autonomia dos sujeitos e grupos.

Porém, a relação entre “psicologia” e “favela” assumiram posições bem diferentes das que seriam desejadas ou tidas como ideais pelas(os) profissionais da PSC. E para compreender melhor esse processo, é necessário considerar o histórico colonial responsável pela formação social do Brasil (ALMEIDA, 2019). Menegat, Duarte e Ferreira (2020) conseguem descrever com precisão algumas nuances do período em que nasceram as políticas manicomiais no país:

É no contexto da Pós-Abolição da escravatura inacabada, na afirmação da República, na transição do trabalho escravo para o trabalho livre, na emergência dos sobrantes expulsos das fazendas, nas políticas de embranquecimento, na disseminação das teorias científicas racistas no meio acadêmico e popular – da inferioridade do negro, da sua pouca inteligência, da propensão ao crime e da ideia de que o sangue negro estragava a raça branca, sendo a decadência da sociedade brasileira nessa nova era republicana – e na criminalização de práticas culturais e de socialização entre negros que emerge o Hospital Colônia de Barbacena - MG (MENEGAT, DUARTE e FERREIRA, 2020, p. 104-105).

Para contextualizar, o Hospital Colônia de Barbacena (MG) é um caso simbólico para a história da luta antimanicomial. Arbex (2013) apresenta um estudo detalhado sobre as condições insalubres em que a instituição operava, sendo a superlotação, infraestrutura precária e o excesso de medicalização características de um cotidiano de aprisionamento e estigmatização das pluralidades subjetivas — ou, das diferenças.

Como foi apontado por Manegat, Duarte e Ferreira (2020), a hospitalização em massa fez parte de uma estratégia racista de consolidação do poder branco, colonial e eurocentrado. A psiquiatria agiu como um braço da república, que através de uma ideologia conservadora instituiu a “loucura” enquanto uma perversão, algo que não caberia e nem poderia ser aceito pela sociedade da época. E pensar que todo esse legado ficou no passado, não interferindo



com tanta intensidade no contexto atual, seria atender a um reducionismo grave para com a história da psicologia.

Segundo Penna (2015), toda perda é traumática em alguma dimensão. A autora investiga as repercussões psicossociais do luto coletivo e alerta para a recorrência dos efeitos transgeracionais deste fenômeno. Em paralelo, Kanaoja (2018) discorre acerca do ‘banzo’ enquanto sentimento de melancolia dos povos diaspóricos, sofrido a partir das perdas dos territórios, destruição das aldeias, violências físicas, afastamento familiar, subalternização, trabalho forçado, solidão etc.

A revisão desses estudos serve como parâmetro para reflexão de que, muito embora a Psicologia Social Comunitária almeje estabelecer um vínculo com as comunidades em situação de vulnerabilidade, estas mesmas comunidades enfrentam uma resistência para aderir aos projetos psicossociais justamente por serem elas as mais afetadas pela política manicomial (MANEGAT, DUARTE e FERREIRA, 2020), pelo sentimento de luto coletivo transgeracional (PENNA, 2015) e necessitarem de um cuidadoso processo de reeducação sobre o papel da psicologia na promoção da autonomia e qualidade de vida.

Apesar de não ser o foco principal deste trabalho, Penna (2013) chama a atenção para a possibilidade de elaboração do luto coletivo através do “sonhar social”, um método psicanalítico no trato com grupos e comunidades que possuem vivências e/ou memórias traumáticas em comum. O método em si não será abordado por esse texto, mas vale ressaltar a perspectiva de integração dos sonhos enquanto construto social.

Eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de reconhecer essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia (KRENAK, 2019, p. 25).

O líder indígena Ailton Krenak (2019) também aponta para o sonho como uma possibilidade de cuidado compartilhado, pois o mesmo está na base da formação de diversas comunidades tradicionais ao redor do mundo e é o fio condutor de cosmovisões, tradições ancestrais e caminhos de aprendizagem de novos mundos, outras maneiras de experienciar a



vida, de compartilhá-la com os demais seres vivos e não a reduzir apenas à produção de mercadorias e consumo.

### ***Poetry slam, identidade e cultura***

É através do sonho coletivo de construir uma sociedade mais justa, inclusiva e plural que o *Poetry Slam* move pessoas de todas as idades, dos mais diferentes bairros e países, das mais diversas identidades, em um movimento que (re)inventa espaços de libertação e autonomia. Por isso o *Slam* vem se configurando como um dos acontecimentos mais importantes do cenário cultural contemporâneo. Poetas estão nas ruas, nas escolas, nos centros e periferias, metrópoles e povoados... em todos os lugares! Basta saber contemplar o “barato”.

### ***O perfil comunitário das batalhas de poesia***

O “*poetry slam*” é um movimento social, cultural e artístico que tem o objetivo de democratizar o acesso à poesia através de campeonatos populares de *performance*, em que a plateia avalia e atribui nota às/aos poetas — “*slammers*” (D’ALVA, 2019). A palavra “*Slam*” é uma onomatopeia da língua inglesa e quando traduzida para a língua portuguesa significa algo aproximado à gíria “pá!”, batida ou encontro (NEVES, 2017). Assim, Roberta Estrela D’Alva, uma das principais expoentes do *slam* no Brasil descreve o formato:

Desde 1986, ano de sua criação, converteram-se em ágoras onde questões da atualidade são debatidas, em um acontecimento/movimento com traços marcantes, não apenas artísticos, mas também políticos. A auspiciosa junção de política, arte, entretenimento e jogo, somada à sua vocação comunitária, fazem com que os *slams* sejam celebrados em comunidades no mundo todo, com realidades completamente distintas (D’ALVA, 2019, p. 271).

D’Alva (2011) destaca o papel desempenhado pelos grupos que praticam a poesia falada, que vai desde a organização coletiva de pessoas que partilham de interesses em comum, sob um conjunto de princípios e regras, até a propagação da mensagem de um movimento que não pretende produzir poeta “superstar”, mas celebrar a comunidade à qual pertencem. Nessa perspectiva, Jesus e Souza (2020) evidenciam o caráter de insurgência do *Slam*, por ser um multiplicador de vozes historicamente silenciadas.



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Ensaio	ISSN 1234.5678	DOI 98.7654/3210.0987.6543.2109
---	--------	----------------	---------------------------------

AZEVEDO, PEDRO  
PAGNUSSAT, ESEQUIEL

you that talks becs and vielas / knows how many centimeters fit in a boy? / knows how many meters he spends / when a bullet is lost or found? / knows how many times he has lost the count? (RIBEIRO, 2019, p. 10).

Existem três regras gerais que são aplicadas na maior parte dos *slams* ao redor do mundo: 1) os poemas precisam ser autorais; 2) as poesias devem ter no máximo três minutos; 3) a *performance* não pode contar com o auxílio de acompanhamento musical, adereços ou figurinos (NEVES, 2017). Porém, também existem *Slams* com regras próprias e outros que não são competitivos, mas utilizam essa denominação (D'ALVA, 2019).

Segundo Ferrara (2020), a relação que se constitui entre poeta e plateia, a gestualidade própria de cada *performance* e as múltiplas formas de subjetivação que pulsam nas batalhas de poesia são componentes inovadores que levam o público a uma experiência singular, que não pode ser acessada através apenas dos livros, por exemplo. As comunidades de *slam* se organizam de acordo com as realidades que vivenciam e são incentivadas a desenvolverem características que atendam as demandas próprias de cada grupo, para que a prática da poesia performática não se torne enrijecida ou monótona (D'ALVA, 2011).

Existem muitos formatos de *slams* pelo Brasil, como é o caso do “*Slam das Minas*”, feito e protagonizado por mulheres cis e trans (FERRARA, 2020); o “*Slam Escolar*” e “*Slam Interescolar*”, levando a proposta para as escolas e atestando o potencial dos campeonatos para a formação crítica de crianças e adolescentes (ALCALDE, 2016; AZEVEDO, 2019); para além dos métodos tradicionais, também existem *slams* como o “*Slam do Corpo*”, o primeiro entre surdos e ouvintes da América Latina e o “*Menor slam do mundo*”, com poemas curtos de até 10 segundos (D'ALVA, 2019).

### ***Entre a identidade e a emancipação***

Nunca mais eu nego: sou preto / Engoli por anos essa “brancura” / Hoje lhe dou um papo bem reto / Assumir as origens foi a cura!!! - Identidade (LOBINHO, 2019, p. 20).

Com o levantamento teórico feito até aqui, é notável que as identidades emergem nos discursos e na ética da poesia *slam* o tempo inteiro, de forma direta ou indireta, sendo esse um dos principais motivos pelos quais o movimento tem ganhado proporção na cultura nacional e

internacional. Nesse sentido, é válido pensar a respeito de como essas comunidades se inserem no debate identitário contemporâneo e quais pontes podem ser construídas com os conhecimentos da psicologia numa perspectiva crítica.

Assim, Lima e Ciampa (2012) fazem contribuições importantes para a formação de uma “teoria da identidade” proposta pela psicologia latino-americana. Uma delas é que as identidades são resultantes da “articulação que o indivíduo faz com o que fizeram/fazem dele em todos os momentos”. Ou seja, as identidades se constituem a partir das relações de poder mediadas pela linguagem.

Para Silva (2000) as identidades não são características independentes e só são possíveis de existir dada sua dependência de um Outro: a diferença. Identidade e diferença estão associadas e servem de referenciais uma da outra. Nesse caso, a formação comunitária/identitária de um *slam* se constitui como um “nós” em detrimento a um “eles/elas”. E os “nós” ao qual este trabalho reflete são, principalmente, aqueles *slams* que pautam as relações étnico-raciais enquanto prioridade narrativa.

mulher escura / nos variados / tons de pele / nas diversas cinturas / crespos muito crespos / cacheados até aceitos / lisos alisados / pouco e muito peito / nariz largo nariz fino / boquinha de peixe / lábios grossos / Múltiplos corpos. / Múltiplos rostos - Ótica exótica (PUÃ, 2019, p. 48).

Além disso, Quijano (2005) ressalta que o conceito de “raça” surgiu a partir do processo de colonização da América, produzindo identidades sociais novas (índios, negros, mestiços) e redefinindo outras. A do europeu enquanto “homem branco” é um desses exemplos. Essas relações sociais estabelecem as relações de dominação baseadas nos fenótipos de quem seriam os “conquistadores” e os “conquistados”, sujeitando as identidades a uma hierarquia bem definida, distinguindo posições e papéis sociais.

O caráter étnico e afirmativo do *poetry slam* é um dos principais potenciais da modalidade no contexto brasileiro. Nesse sentido, Jesus e Souza (2020) apontam na produção realizada junto ao “*Slam das Minas BA*” que uma das ideias desses encontros é dar visibilidade às artistas negras locais, utilizando esta linguagem como uma ferramenta de enfrentamento ao racismo e machismo sistêmico. Falar, no caso das mulheres negras, de um

grupo que possui um histórico de opressão e silenciamento, é insurgente e libertador. Emancipatório!

Compreender a dinâmica das relações que permeiam as identidades, então, ajudam a explicar como acontecem as construções das desigualdades e quais são as formas de resistir em coletivo ao processo de descaracterização forçada. Afirmar essa identidade não necessariamente significa um movimento de repetição compulsória e alienada de si, mas pode ser uma expressão afetiva e de satisfação com um determinado modo de ser, de estar no mundo (LIMA e CIAMPA, 2012). Estes autores ainda afirmam que “cada biografia deve expressar uma história única que possa tanto identificá-la como uma singularidade dotada de direitos individuais quanto uma universalidade que expressa uma coletividade” (*Ibidem*; p. 28).

O *slam* possui um potencial de conscientização, organização comunitária e desenvolvimento criativo que dialoga intensamente com os princípios da Psicologia Social Crítica de produzir cuidado a partir da formação de grupos que estão baseados na solidariedade para construir processos de cuidado autogeridos. As psicologias, por outro lado, inscrevem-se através de vias institucionais e/ou culturais que permitem uma ampliação dos espaços e objetivos para realização das rodas de poesia, podendo haver uma relação de troca entre as esferas artísticas e científicas numa perspectiva popular. E para entender melhor como se dá e em qual contexto esse entrelace acontece, é importante destacar o papel da Reforma Psiquiátrica Brasileira.

### ***Reinventando fazeres: arte e cultura no território***

Menegat, Duarte e Ferreira (2020) demonstram que a saúde mental pode estar diretamente ligada às condições materiais das quais os sujeitos dispõem, sendo o sofrimento psíquico agravado a partir da exposição às situações de violência e exclusão. O território geográfico do racismo, por exemplo, se constitui como uma das principais determinantes desse problema: pelo clima hostil de guerra, apreensão, perda dos direitos sociais e acesso facilitado ao uso de drogas.

Do tronco ao enquadro são / muitas caras no chão / pouca oportunidade / zero educação. / Do tronco ao enquadro, / quantos meninos se perdem / no caminho / sonham os sonhos / vivem os pesadelos. / Do tronco ao enquadro, quantas meninas aprenderam desde cedo / a não gostar dos próprios cabelos. / Quantos descasos? Quantas mazelas das senzalas às favelas? / Dos cafezais aos corredores de hospitais / Quantas barrigas e panelas vazias? / Tantas que não caberiam em todas as poesias - Do tronco ao enquadro (SABINO, 2019, p. 98).

A poesia *Do tronco ao enquadro* endossa o argumento da materialidade do sofrimento das populações negras e periféricas, expondo, desde o título, o caráter histórico, transgeracional, do sofrimento provocado por uma sociedade estruturada pelo racismo (ALMEIDA, 2019). As estéticas produzidas nas favelas brasileiras são os principais retratos da situação social, econômica e política do país, até quando não pretendem ser.

Vieira e Neves (2017) assinalam a respeito da importância de compreender o território não apenas enquanto um espaço geofísico, mas um espaço relacional, simbólico e cultural, onde os vínculos, o compromisso e a corresponsabilidade entre profissionais e comunidade rompem com a perspectiva tecnicista de saúde/educação e envolvem os mais diversos atores sociais no processo de promoção do cuidado.

A clínica ampliada e os projetos artístico-culturais possuem um efeito transformador na vida dos sujeitos em sofrimento psicológico. Esta primeira segue os princípios da reforma psiquiátrica, é inventada no cotidiano e deve contemplar a comunidade no território ao qual ela pertence. A arte, no entanto, é responsável pelo empoderamento, inclusão social e melhora qualitativa da saúde mental dos cidadãos (PORTUGAL, MEZZA e NUNES, 2018).

## **O ENSINO DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

*(...) Ô pró  
guardei o dinheiro que tinha  
e comprei dois perfumes  
um pra minha mãe e outro pra senhora  
e agora toda vez que se perfumar com eau de toilette  
vai se lembrar que seu esforço e dedicação no ensino  
não foram em vão, te elevaram para outro nível  
e que lecionar é como esculpir diamante,  
o processo é duro, mas o resultado é sensível.*

*Emerson Alcalde*

Até o presente momento esse estudo buscou explanar alguns dos princípios da Psicologia Social Comunitária e do *Poetry Slam*, correlacionando-os em uma perspectiva histórica, crítica e popular. Nesta etapa do artigo será realizada uma abordagem sobre o ensino na educação básica, baseada nos levantamentos feitos nesse estudo, visando entender o papel da licenciatura em psicologia e as possíveis contribuições para o trabalho de professores que buscam adotar metodologias decoloniais no ambiente escolar/educacional.

### ***Ensinar o quê para quem?***

A educação é um processo que acontece de forma distinta a partir dos diferentes atores sociais e lugares que a compõem. No Brasil, a história do ensino da psicologia perpassa o fenômeno da colonização e ficava a cargo dos jesuítas, responsáveis pela transmissão do que hoje seriam chamadas as “ideias psicológicas”, embasadas principalmente na Filosofia e na Teologia (VILELA, 2012).

A educação colonialista é determinante para o sistema de divisão racial do trabalho e designava os papéis que cada pessoa deveria exercer na nova estrutura econômica global (QUIJANO, 2005). E diferente das colônias espanholas na América Latina, a colônia portuguesa empreendeu uma severa política de cerceamento da formação dos povos colonizados, limitando-se apenas à catequização de indígenas e posteriormente de africanos (VILELA, 2012).

Essa escolha fundou grande parte das desigualdades socioeconômicas e raciais que até hoje são sentidas no país no que diz respeito ao acesso à cidadania. Vilela (2012) demonstra que as raízes da psicologia na educação brasileira possuem uma relação estreita com a catequização dos “*curumins*” (crianças indígenas), que deu início a uma psicologia infantil baseada em valores morais e religiosos que deveriam ser difundidos pela família e pelos professores ainda na primeira infância.

Atualmente o papel da psicologia na educação básica é bastante discutido, ao passo que muitas dúvidas e controvérsias podem surgir quando questionada a função das(os) psicólogas(os) na escola e as atribuições do ensino regular em psicologia. Kohatsu e Machado

(2018) apontam que, antes da retirada da disciplina do currículo permanente, o ensino da psicologia tinha como objetivo instigar uma formação crítica a partir de temáticas transversais e cotidianas.

Para atender às demandas relacionadas à pedagogia da diferença, proposta por Silva (2000), e ao ensino de base decolonial, profissionais da educação psicológica precisam revisitar o arcabouço teórico desta ciência, a fim de reelaborar as possibilidades discursivas e práticas que permitam o pleno exercício de uma educação para a autonomia dos sujeitos (FREIRE, 1996). E mais, uma educação antirracista se faz através da desestabilização da hierarquia epistemológica, sobre a qual o conhecimento eurocentrado-cristão é dominante, e do encontro com saberes múltiplos, não necessariamente formalizados e de origem étnica não-branca (RIBEIRO, 2019).

Essa disposição é fundamental para o entendimento do “ensino” não apenas enquanto transmissão unilateral do conhecimento, mas como um processo de troca intelectual, afetiva e comunitária. Macena (2016) relata a experiência do povo Guarani no curso da educação diferenciada indígena, em que os conhecimentos tradicionais foram utilizados na formação do método do “tempo da criança e da natureza”:

Educação é onde há o respeito, uma cultura preservada, uma educação de forma tradicional. A educação onde você tem um grande conhecimento e sabedoria dentro da tradição. Essa é a educação do povo guarani. (...) Então, para nós, guarani, a educação está no tempo de tudo: do dia, da natureza, do sol, da lua, tudo isso vem junto com a educação e aprendizagem nossa. Por isso que, quando se trata de educação, para o guarani, ela não tem uma avaliação. As crianças não são avaliadas, elas têm todo o tempo do mundo para aprender, quando se trata da cultura guarani (MACENA, 2019, p. 84).

O ensino da psicologia numa perspectiva decolonial insere discentes e docentes numa teia de experiências que vão além do espaço físico da sala de aula, buscando na oralidade, nos saberes ancestrais dos anciãos, no contato profundo com a natureza e no “fazer com as mãos”, práticas educativas inovadoras que reconstituem o passado para transformar o presente, pois nessa concepção o futuro é, inevitavelmente, ancestral. Daí a pergunta: *Ensinar o quê para quem?*



Freire (1996) afirma que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, sugerindo que uma pedagogia que não consegue estabelecer relação entre os conteúdos curriculares básicos e a experiência social/material dos educandos despreza o potencial de insurgência da escola e pode acabar propagando uma ideia reacionária acerca do processo formativo, tomando-o, novamente, apenas como um instrumento de transmissão tendenciosa dos conhecimentos.

Pereira (2019) indica possibilidades para a docência em psicologia no ensino básico a partir de uma composição curricular que aborda temáticas como: desenvolvimento humano e social, uso de tecnologias, racismo, bullying, preconceitos, estereótipos, mídia e comunicação, por exemplo. Também se faz necessário firmar quais são as atribuições do(a) professor(a) de psicologia, tendo em vista que o desvio de função destes profissionais no ambiente escolar é um desafio recorrente, dado o entendimento, no âmbito do senso comum, de que o papel das(os) psicólogas(os) deve se pautar pelo atendimento individualizado dos alunos que possuem dificuldades de socialização e/ou aprendizagem.

O *slam* na psicologia e na educação pode e deve possuir mediadores, como professoras(es) e poetisas-formadoras(es), possibilitando um maior engajamento das(os) participantes. Projetos que tenham como eixo central o desenvolvimento da autonomia de grupos e sujeitos e a conscientização para a cidadania podem se beneficiar do formato de maneira interdisciplinar e cooperativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino da Psicologia Social Comunitária através do *poetry slam* propõe a formação de espaços onde narrativas plurais e não-hegemônicas podem se constituir em coletivo, produzindo pensadoras(es) críticas a respeito da realidade sociocultural e dos problemas provocados pela desigualdade de oportunidades. Embora não se constitua mais como componente obrigatório dos currículos escolares, a matéria de psicologia é fundamental para colocar em prática o desejo de construir uma educação interdisciplinar e horizontalizada,

desconstruindo as velhas hierarquias do conhecimento e tornando a escola um lugar que incentiva a expressão da criança e do adolescente.

Como foi evidenciado no presente texto, as comunidades de poesia *slam* possuem um potencial de autogestão, formação ética/étnica e cidadã que interessa tanto aos profissionais da educação que buscam inovar nas metodologias de ensino-aprendizagem, quanto aos jovens que procuram espaços para que suas vivências, sofrimentos e anseios sejam reconhecidos, legitimados e transformados em capacidade subversiva às situações de opressões cotidianas e estruturais.

Vale salientar que os estudos acerca do *slam* no Brasil ainda se concentram em grande parte nas metrópoles do país, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, e que as diferenças culturais podem e devem provocar mudanças substanciais na condução de projetos socioeducativos pautados por essa linguagem. É necessário que sejam realizadas mais pesquisas que tenham como lócus cidades e estados afastados do eixo RJ-SP, por exemplo, em diferentes contextos, servindo assim de referencial para entender a variabilidade de atuações da poesia performática.

### ***Agradecimentos***

Agradeço aos professores e professoras do ensino público do Rio Grande do Norte, pois sem a paciência e determinação de vocês, uma educação transformadora não seria possível em nosso estado. Ao meu orientador, Esequiel Pagnussat, pela oportunidade de fazer da ciência um instrumento de resistência contra as opressões. Agradeço aos coletivos de poesia que fazem da arte uma trincheira, lutando por uma sociedade menos desigual e pela difusão de narrativas plurais. Agradeço às agricultoras e agricultores que fazem poesia no peito da terra, plantando alimentos sem veneno e multiplicando a vida com as próprias mãos.

### ***Adeus professor, adeus Professora (Fernaun)***

Adeus professor,  
adeus professora,  
põem fogo nessa merd\* toda,  
quebra tudo,  
revira o corpo,

é bancada da bala,  
evangélica, ruralista,  
é o inimigo que não tem rosto,  
é a concentração de muito  
nas mãos de poucos,  
é mega-empresário  
que não paga imposto,  
é o filho dele que nos estudos  
teve tudo e mais um pouco,

relação nefasta,  
quem tem mais condição  
se prepara melhor,  
quem é o melhor  
estuda na de graça,  
que é a melhor,  
são poucas vagas,  
é tudo ou nada,  
é geográfico.

Vê onde eles distribuem livro,  
Vê onde eles distribuem arma, saca?  
Eles sacam!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCALDE, Emerson. Slam na Educação: a poesia escrita com giz e dita com o coração. In: ALCALDE, Emerson; ASSUNÇÃO, Cristina; MOTTA, Rodrigo; CHAPÉU, Uilian (Orgs.). **Slam da Guilhermina: três ponto zero**. 1 ed. São Paulo: 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. / Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Sueli Carneiro - Pólen, 2019.

ARBEX, D. **Holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

AZEVEDO, Pedro Victor da Silva. *Slam do conhecimento: poesia falada pulsando no peito, resistência! Anais... I CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte*. Mossoró, 2019.

BRAVIN, Rodrigo; PAIVA, Jacyara Silva de; PINEL, Hiran. As relações entre pedagogia social, educação social e educação popular no Brasil: saberes-fazer de resistência, produzindo subjetividades resilientes. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 4-24, maio-ago. 2020.

Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Ensaio	ISSN 1234.5678	DOI 98.7654/3210.0987.6543.2109
---	--------	----------------	---------------------------------

AZEVEDO, PEDRO  
PAGNUSSAT, ESEQUIEL

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 20. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. **Synergies Brasil**, n. 9, p. 119-126, 2011.

D'ALVA, Roberta Estrela. SLAM: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 268-286, jun. 2019.

FERRARA, Jéssica Antunes. Performance e política no poetry slam: um olhar feminista-decolonial. **Criação & Crítica**, n. 28, p. 217-241, dez. 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. Tradução: Maria Ermanita Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária – Práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 1960 a 1990, no Brasil. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2015.

GÓIS, Cêzar Wagner de Lima. **Noções de psicologia comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1993.

GONÇALVES, Mariana Alves & PORTUGAL, Francisco Teixeira. Alguns Apontamentos sobre a Trajetória da Psicologia Social Comunitária no Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, [s.n], p. 138-153, 2012.

GUARESCHI, Pedrinho A. Relações comunitárias – Relações de dominação. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOHATSU, Lineu Norio. O ensino de psicologia no Ensino Médio: relatos de professores da rede pública do estado de São Paulo. **Psicologia: ensino & formação**, v. 4, n. 2, p. 34-64, 2013.

KOHATSU, Lineu Norio; MACHADO, Lucas Antunes. A disciplina de Psicologia no Ensino Médio: revisitando as práticas dos professores da rede pública do Estado de São Paulo. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 398-417, jul/dez., 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

LOBINHO. Identidade. In: RIBEIRO, Luz et al. **Negritude**. (Organizador Emerson Alcalde). São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019.

Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Ensaio	ISSN 1234.5678	DOI 98.7654/3210.0987.6543.2109
---	--------	----------------	---------------------------------

AZEVEDO, PEDRO  
PAGNUSSAT, ESEQUIEL

MACENA, Pedro Luiz. O tempo da criança e da natureza na educação diferenciada guarani. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Povos indígenas e psicologia: a procura do bem viver**. 1 ed. São Paulo: CRP SP, 2016.

MACHADO, Lucas Antunes. Psicologia no Ensino Médio e Psicologia Escolar: história, diferenças e perspectivas. **Psicologia Escolar e Educacional, SP**, v. 20, n. 1, p. 101-108 jan./abr., 2016.

MARTINS, Beatriz Adura. Mapeando sentidos: A Construção da Autonomia na Reforma em Saúde Mental brasileira. In: PASSOS, Rachel Gouveia; COSTA, Rosane de Albuquerque, SILVA, Fernanda Gonçalves da. **Saúde mental e os desafios atuais da atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

MENEGAT, Elizete Maria; DUARTE, Marco José de Oliveira; FERREIRA, Vanessa de Fátima. Os novos manicômios a céu aberto: cidade, racismo e loucura. **Revista em pauta**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 45, p. 100-115, 2020.

MENEGHETTI, F. K. O que é um Ensaio-Teórico? **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, mar./abr. 2011.

NEVES, C. A. B. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.

PANDITA-PEREIRA, Angelina. **Reflexões sobre o ensino de psicologia em Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2011.

PENNA, Carla. O sonhar social e o contar o sonho: novas vias régias de acesso ao inconsciente? **Cadernos de Psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 11-26, 2013.

PENNA, Carla. Investigações psicanalíticas sobre o luto coletivo. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 33, p. 9-30, jul./dez. 2015.

PEREIRA, Osmar Calazans Nogueira. O licenciado em Psicologia no ensino fundamental: possibilidade de atuação. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 23, 2019.

PORTUGAL, Clarice Moreira; MEZZA, Martin; NUNES, Monica. A clínica entre parênteses: reflexões sobre o papel da arte e da militância na vida de usuários de saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 1-19, 2018.

PUÃ, Bell. Ótica Exótica. In: RIBEIRO, Luz et al. **Negritude** (Organizador Emerson Alcalde). São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: \_\_\_\_\_. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Ensaio	ISSN 1234.5678	DOI 98.7654/3210.0987.6543.2109
---	--------	----------------	---------------------------------

AZEVEDO, PEDRO  
PAGNUSSAT, ESEQUIEL

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala** (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Sueçi Carneiro Editora Pólen, 2019.

RIBEIRO, Luz et al. **Negritude**. (Organizador Emerson Alcalde). São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019.

ROCHA, Tatiana Gomes da. Discutindo o conceito de comunidade na psicologia para além da perspectiva identitária. **Global Journal of Community Psychology Practice**, v. 3, n. 4. dec., 2012.

SABINO, Wellington. Do tronco ao enquadro. In: RIBEIRO, Luz et al. **Negritude**. (Organizador Emerson Alcalde). São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Thadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

STREY, Marlene Neves et al. **Psicologia Social Contemporânea**. 21 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2013.

VILELA, Ana Maria Jacó. História da Psicologia no Brasil: Uma Narrativa por Meio do seu Ensino. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32 (s.n), p. 28-43, 2012.

VIEIRA, Solange Santana; NEVES, Claudia Abbês. Cuidado em saúde no território na interface entre Saúde Mental e Estratégia de da Saúde Família. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 1, p. 24-33, jan./abr. 2017.